

Análise epidemiológica da violência baseada em gênero no Sudeste do Brasil - Epidemiologia da violência baseada em gênero

Epidemiological analysis of gender-based violence in Southeastern Brazil - Epidemiology of gender-based violence

Vinícius Ferreira Rende^{1*}; Amanda Carvalho Girardi Teixeira¹; Danielle Campos de Almeida¹; Laura Ferreira Costa¹; Beatriz Propheta Falleiros¹; Stefan Vilges de Oliveira²

1. Graduando em Medicina. Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

2. Biólogo. Doutor em Medicina Tropical. Professor Adjunto do Departamento de Saúde Coletiva, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

Resumo

Objetivo: Analisar os dados epidemiológicos da violência de gênero, em suas vertentes física, psicológica e sexual, na região sudeste. **Método:** Trata-se de um estudo descritivo, quantitativo que analisa os dados sobre a violência doméstica na região Sudeste do Brasil, de 2009 a 2017, com informações provenientes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação. **Resultados:** No período analisado houve 550.244 casos de violência relacionada ao gênero na região Sudeste, sendo que 36,8% foram identificadas como mulheres entre os 20 e 29 anos e 32,4% dos agressores era o cônjuge, seguido do ex-cônjuge que foi o autor da agressão em 12,6% dos casos. **Conclusão:** A violência contra mulher ocorre sobretudo no âmbito privado, tendo como principais agressores cônjuges e conhecidos. Os resultados deste estudo contribuem para o reconhecimento dessa problemática, explicitando a dificuldade da procura por atendimento e a consequentemente subnotificação da violência pelos sistemas de informação.

Abstract

Objective: To analyze epidemiological gender violence data in its physical, psychological, and sexual spheres in the Southeast region. **Methods:** This is a quantitative and descriptive study, which considers statistics of domestic violence in the Southeast Region of Brazil, from 2009 to 2017. The data was obtained from National Case Registry Database. **Results:** In the examined period, violence related to gender in the Southeast counted 550,244 cases, which 36.8% were women at ages between 20 and 29 and 32.4% of the aggressors were the spouse, followed by the ex-spouse which was the author of the aggression in 12.6% of the cases. **Conclusion:** Violence against women occurs mainly in the private scope, with the main aggressors being spouses and acquaintances. The results of this study contribute to the recognition of this problem, explaining the difficulty in seeking care and the consequent underreporting of violence by information systems.

*Correspondência para/ Correspondence to:

Vinícius Ferreira Rende: rendevinicius@gmail.com

Palavras-chave:

Violência de gênero. Epidemiologia. Saúde da mulher. Saúde pública.

Keyword:

Gender-based violence. Epidemiology. Women's health. Public health.

INTRODUÇÃO

Para iniciar o entendimento da Violência de gênero, é importante compreender o gênero como um fator estrutural que parte de um conjunto de valores socialmente construídos que atribuem características e comportamentos ditos masculinos ou femininos.¹ Nesse sentido, concebe-se a Violência de gênero contra a mulher aquela que é motivada pelo preconceito e pela desigualdade entre homens e mulheres. Também é definida por qualquer ação que afeta negativamente o bem-estar físico, psíquico ou social de uma pessoa.² Tal violência está intimamente atrelada à desigualdade de poder nas relações interpessoais e a seu uso intencional contra outrem.³

Mundialmente, a violência contra a mulher configura-se um dos mais graves problemas de saúde pública. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que cerca de 30% e 18% das mulheres, no mundo e no Brasil, respectivamente, já sofreram alguma modalidade dessa violência por seu parceiro durante a vida.⁴ Entretanto, é evidente que as estatísticas nacionais são subestimadas. Afinal, esse ato é caracterizado por sua invisibilidade, pois ocorre principalmente no âmbito privado e é, em grande parte, perpetrada por familiares e conhecidos.⁵

Nesse sentido, a Violência Baseada em Gênero está intimamente relacionada com a Violência Doméstica, uma vez que as mulheres são as mais afetadas. Essa agressão, na maioria das vezes, se apoia no estigma de virilidade masculina e de submissão feminina.⁶ Isso gera um

imenso impacto social, econômico, educacional e sanitário, explicitando assim a necessidade de estudos na área.⁷

A sociedade brasileira contemporânea é reflexo de sua construção histórica. Nesse sentido, o machismo enraizado nas relações sociais origina-se do patriarcalismo, da misoginia e do androcentrismo, marcantes desde o período colonial no Brasil.⁸ A desigualdade na relação de poder entre os gêneros, presente até na atualidade, é resultado destes princípios retrógrados e é corroborada por fatores culturais, como a religião, nos âmbitos político-social, profissional e naqueles a que muitas são restritas, o doméstico e familiar, viabilizando a perpetuação da violência contra a mulher e o feminicídio.

Apesar da relevância da violência contra a mulher, o tópico ainda é negligenciado na agenda internacional de desenvolvimento. O Brasil encontra-se na 5ª posição entre 83 países em relação à violência doméstica.⁷ Ademais, uma mulher é agredida no país a cada quatro minutos, sendo que em 85,5% dos casos de violência física feminina os agressores são os parceiros e 70% dos crimes contra a mulher ocorrem dentro de casa.⁹ Outrossim, um estudo realizado com dados epidemiológicos de 2009 a 2014 concluiu que o aumento da violência doméstica feminina ocorreu mais expressivamente no Sul, Centro Oeste e Sudeste.¹⁰

Nesse ínterim, observa-se a complexidade e a gravidade da violência relacionada ao

gênero contra a mulher. Assim, julgam-se essenciais trabalhos que a analisem, visto que interfere significativamente na saúde pública, no que tange a saúde física e a mental femininas. Por fim, o presente artigo objetiva analisar os dados epidemiológicos da violência baseada em gênero, em suas vertentes física, psicológica e sexual, na região sudeste.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, de caráter quantitativo. Os dados epidemiológicos foram obtidos pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do Ministério da Saúde (MS) do Brasil. O período de análise foi de 1 de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2017.

A área amostral avaliada corresponde à região Sudeste, que é a região mais populosa do Brasil, com 80.364.350 pessoas, correspondendo a 42,1% da população do país. Além disso, apresenta uma densidade demográfica de 86.92 habitantes/km². Nessa região estão incluídos os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo.¹¹

A violência relacionada ao gênero é um agravo de notificação obrigatória, nesse estudo incluíram-se as informações sobre a violência relacionada ao gênero que foram notificadas ao MS a partir da ficha de Notificação Compulsória da violência doméstica, sexual e/ou outras violências interpessoais.

Foram incluídos os casos que preencheram os critérios de inclusão listados na ficha de

notificação e que foram notificadas ao SINAN. Foram analisadas as seguintes variáveis: Unidade Federada de ocorrência da Violência; ano da ocorrência; idade (categorizada), sexo (masculino; feminino; ignorado), cor (branco; amarelo; preto; pardo; indígena; ignorado), escolaridade (analfabeto; primeira a quarta série incompleta do ensino fundamental; quarta série completa do ensino fundamental; 5ª à 8ª série incompleta do ensino fundamental; ensino fundamental completo; ensino médio incompleto; ensino médio completo; educação superior incompleta; educação superior completa; ignorado ou branco; não se aplica), estado de residência, tipo de violência (física; psicológica; financeira; ameaça; estupro; assédio sexual) e relação da vítima com o provável autor da agressão.

Todas as variáveis foram analisadas por estatísticas descritivas, e por números brutos e medidas de frequência. A incidência da violência de gênero na região Sudeste foi calculada utilizando o número de agressões na região/pela população X 100.000 habitantes, segundo as Projeções da População do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade: 2010-2060, realizadas pelo IBGE. O software utilizado para análise, processamento e tabulação dos dados foi o Microsoft Excel.

A pesquisa foi realizada por meio de um banco de dados secundários, não sendo acessado dados nominais do paciente ou qualquer outro que estabeleça a sua identificação. Nesse contexto, não foi necessário a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) por seguimento

das normas éticas do país, de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510, de abril de 2016.

RESULTADOS

No período considerado, entre 2009 e 2017, houve o registro de 550.244 casos de violência relacionada ao gênero na região Sudeste,

sendo a maioria nos estados de São Paulo (SP) e Minas Gerais (MG) (Figura 1), com tendência crescente, principalmente no estado mineiro (Figura 2).

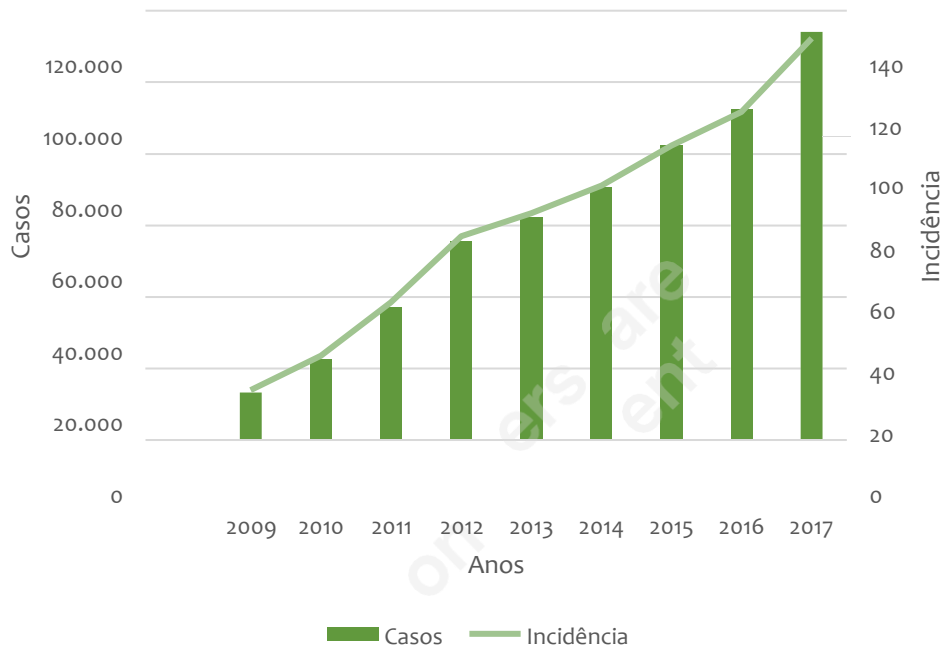


Figura 1. Taxa de incidência de Notificação de Agravos de Violência Baseada em Gênero na Região Sudeste de 2009 a 2017, por ano, segundo dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação no Brasil.

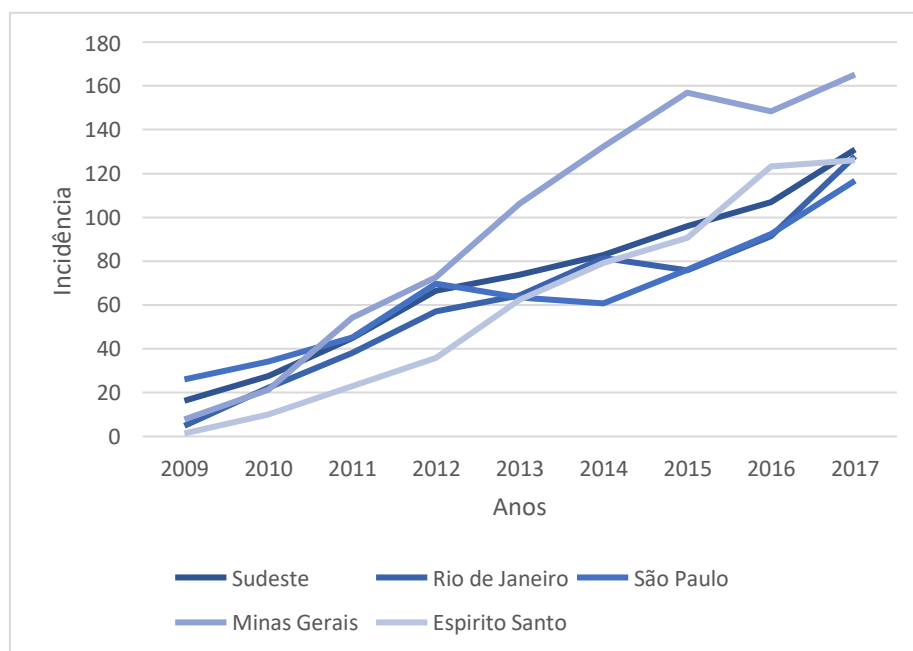


Figura 2. Taxa de incidência de Notificação de Agravos de violência baseada em gênero por estado na Região Sudeste de 2009 a 2017, por ano, segundo dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação no Brasil.

Em relação ao perfil das vítimas, a maioria é formada por mulheres entre os 20 e 29 anos (36,8%) e 47% possuem no máximo até o ensino médio completo. Ademais, 45%, 31% e 10,6% se autodeclararam, respectivamente, brancas, pardas e pretas, sendo indígenas e amarelas minoria dentre os dados. (Tabela 1)

Tabela 1. Número de notificações de violência baseada em gênero na Região Sudeste entre os anos de 2009 a 2017, de acordo com faixa etária, raça/cor e escolaridade, segundo dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação.

Variáveis	Número de casos (n)	Frequência relativa (%)
Faixa Etária		
20 a 29 anos	202.571	36,81
30 a 39 anos	173.546	31,54
40 a 49 anos	96.074	17,46
50 a 59 anos	45.281	8,23
60 anos ou mais	32.772	5,96

Raça/cor		
Branca	247.534	44,99
Preta	58.453	10,62
Amarela	3.718	0,68
Parda	170.662	31,02
Indígena	1.403	0,25
Ignorado ou em branco	68.474	12,44
Escolaridade		
Analfabeto	7.856	1,43
1ª a 4ª série incompleta	34.228	6,22
4ª série completa	22.891	4,16
5ª a 8ª série incompleta	61.990	11,27
Fundamental completo	42.233	7,68
Médio incompleto	40.320	7,33
Médio completo	100.715	18,30

Continua...

Superior incom-		
Continuação...	16.501	3,00
Superior completo	21.310	3,87
Não se aplica	746	0,14
Ignorado ou em branco	201.454	36,61
Total	550.244	100%

Em se tratando do agressor, o cônjuge ocupava a primeira posição nas violências física (31,9%), psicológica (37,4%), financeira (34,4%) e ameaça (37,9%), seguido do ex-cônjuge. Já nas violências sexuais, estupro e assédio, o principal autor da agressão foi desconhecido, com 52,5%, 38,7% e 47,5% respectivamente, seguindo de amigos e conhecidos. (Figura 3).

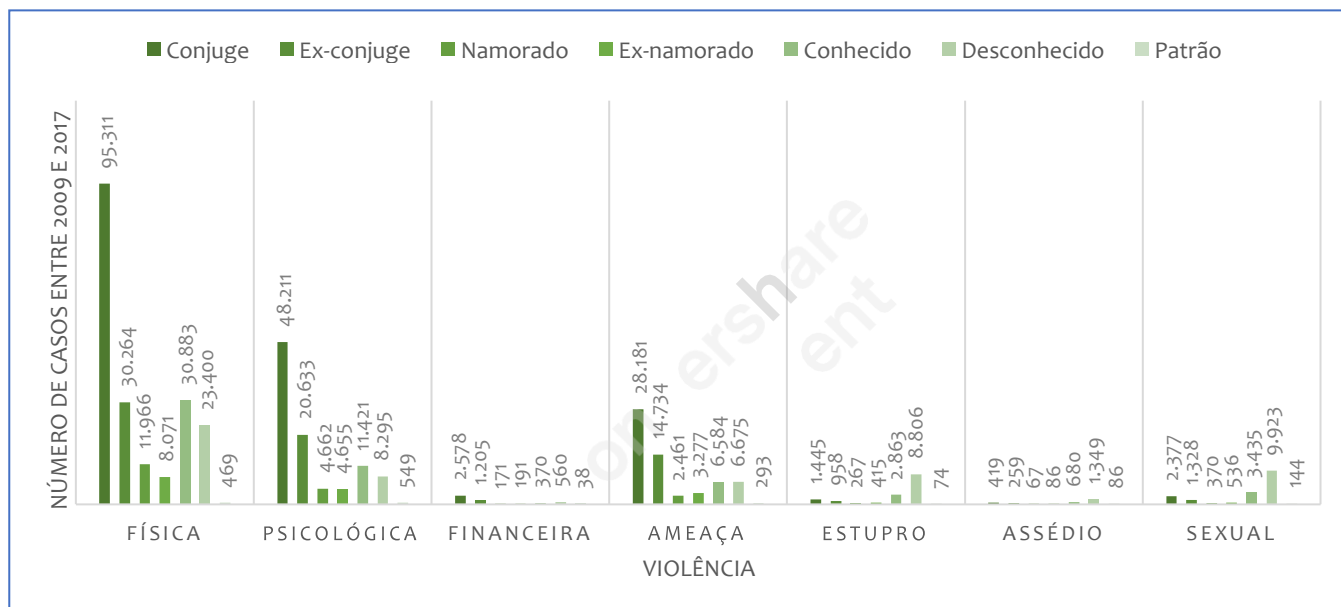


Figura 3. Número de casos de violência baseada em gênero na Região Sudeste entre os anos de 2009 a 2017, de acordo com tipo de violência e agressor, segundo dados do Sistema de Informação de Agravo de Notificação.

A análise detalhada das variáveis faixa etária, raça/cor, escolaridade e agressor de cada

tipo de violência estudada está descrita na Tabela 2.

Tabela 2. Número de casos de violência baseada em gênero na Região Sudeste entre os anos de 2009 a 2017, de acordo com tipo de violência, faixa etária, raça/cor, escolaridade e agressor, segundo dados do Sistema de Informação de Agravo de Notificação.

Variáveis/Tipo de Violência n (%)	Física	Psicológica	Financeira	Ameaça	Estupro	Assédio	Sexual
Faixa Etária							
20 a 29 anos	112.885 (38)	43.729 (34)	1.574 (22)	25.333 (34)	7.998 (48)	1.493 (43)	9.589 (46)
30 a 39 anos	94.215 (32)	41.453 (32)	1.952 (27)	24.331 (33)	4.702 (28)	980 (28)	5.913 (28)
40 a 49 anos	51.775 (17)	23.245 (18)	1.262 (17)	13.586 (18)	2.446 (15)	590 (17)	3.170 (15)
50 a 59 anos	24.126 (8)	11.309 (9)	768 (11)	6.413 (9)	1.040 (6)	254 (7)	1.371 (7)
60 anos ou mais	15.655 (5)	9.090 (7)	1.723 (24)	4.677 (6)	614 (4)	167 (5)	846 (4)
Raça/cor							
Branca	128.736 (43)	60.621 (47)	3.610 (50)	35.975 (48)	7.620 (45)	1.530 (44)	9.442 (45)
Preta	29.483 (10)	14.341 (11)	934 (13)	8.704 (12)	2.016 (12)	475 (14)	2.500 (12)
Amarela	1.986 (1)	887 (1)	48 (1)	460 (1)	137 (1)	32 (1)	168 (1)
Parda	91.205 (31)	40.443 (31)	2.172 (30)	24.029 (32)	5.219 (31)	1.116 (32)	6.478 (31)
Indígena	757 (<0)	317 (<0)	15 (<0)	185 (<0)	53 (<0)	11 (0)	65 (<0)
Ignorado ou em branco	46.459 (16)	12.217 (9)	500 (7)	4.987 (7)	1.755 (10)	320 (9)	2.236 (11)
Escolaridade							
Analfabeto	3.465 (1)	2.019 (2)	365 (5)	1.183 (2)	336 (2)	71 (2)	417 (2)
1ª a 4ª série incompleta	17/397 (6)	8.771 (7)	691 (9)	4.932 (7)	938 (6)	246 (7)	1.255 (6)
4ª série completa	11.947 (4)	5.850 (5)	353 (5)	3.305 (4)	557 (3)	147 (4)	732 (4)
5ª a 8ª série incompleta	32.304 (11)	15.245 (12)	789 (11)	9.313 (13)	1.781 (11)	355 (10)	2.203 (11)
Fundamental completo	20.427 (7)	11.101 (9)	498 (7)	7.438 (10)	1.126 (7)	248 (7)	1.395 (7)
Médio incompleto	21.215 (7)	9.649 (7)	448 (6)	5.779 (8)	1.354 (8)	259 (19)	1.616 (8)
Médio completo	49.377 (17)	25.939 (20)	1.252 (17)	16.268 (22)	3.243 (19)	669 (19)	3.967 (19)
Superior incompleto	7.377 (2)	4.124 (3)	226 (3)	2.342 (3)	1.029 (6)	189 (5)	1.214 (6)
Superior completo	8.970 (3)	6.019 (5)	385 (5)	3.789 (5)	871 (5)	196 (6)	1.080 (5)
Não se aplica	373 (<0)	165 (<0)	8 (<0)	82 (<0)	40 (<0)	13 (<0)	65 (<0)
Ignorado ou em branco	125.776 (42)	39.944 (31)	2.264 (31)	19.909 (27)	5.525 (33)	1.091 (31)	6.945 (33)
Agressor							

Continua...

Cônjuge	95.311 (32)	48.211 (37)	2.578 (35)	28.181 (38)	1.445 (9)	419 (12)	2.377 (11)
Ex-cônjuge	30.264 (10)	20.633 (16)	1.205 (17)	14.734 (20)	958 (6)	259 (7)	1.328 (6)
Namorado	11.966 (4)	4.662 (4)	171 (2)	2.461 (3)	267 (2)	67 (2)	370 (2)
Ex-namorado	8.071 (3)	4.655 (4)	191 (3)	3.277 (4)	415 (2)	86 (2)	536 (3)
Amigo ou conhecido	30.884 (10)	11.421 (9)	370 (5)	6.584 (9)	2,863 (17)	680 (20)	3.435 (16)
Desconhecido	23.400 (8)	8.295 (6)	560 (8)	6.675 (9)	8.806 (52)	1.349 (39)	9.923 (48)
Outros	98.730 (33)	30.949 (24)	2.204 (30)	12.428 (17)	2.046 (12)	624 (18)	2.920 (14)
Total	298.626	128.826	7.279	74.340	16.800	3.484	20.889

Violência física

No período analisado, os casos de violência física representaram, aproximadamente, 54,2% dos casos de violência relacionada ao gênero na região. Os maiores registros foram nos estados de São Paulo (46,4%) e Minas Gerais (33,7%), predomínio na faixa etária dos 20 aos 29 anos (37,8%) e ocorrência decrescente com o aumento da idade.

As vítimas pertenciam às categorias que não possuíam ensino fundamental completo (21,8%), das etnias branca (43,1%), parda (30,5%) e negra (9,9%). Além disso, na maioria dos casos, o agressor foi o cônjuge (31,9%) e a vítima teve alta após atendimento (36,2%), contudo, em alguns casos, este último aspecto não foi analisado, haja vista que houve fuga ou óbito (0,9%) da mulher violentada.

Violência psicológica

Os episódios de violência psicológica constituíram 23,4% dos casos de violência relacionada ao gênero e também tiveram maiores registros em SP (45,5%) e MG (32,5%). O perfil das

vítimas, em sua maior parte, engloba a faixa etária de 20 a 29 anos (33,9%), com redução ao longo do aumento da idade.

Nestes casos, as prevalências em relação à escolaridade e à etnia permanecem semelhantes às daquelas dos casos de violência física. Em relação ao agressor, o cônjuge (37,4%) e o ex-cônjuge (16%) representaram a maior porcentagem (53,4%).

Violência financeira

A ocorrência de violência financeira compõe 1,3% dos registros de violência baseada em gênero no Sudeste e também têm maiores taxas em SP (51,6%) e em MG (27,1%). A respeito da vítima, a faixa etária mais afetada é de 30 a 39 anos (26,8%), seguida da parcela idosa da população feminina (23,7%), que tem aumento expressivo de sua representação neste caso.

A respeito da etnia e da escolaridade, segue o padrão dos outros tipos de violência, assim como em relação ao agressor, que em 35,4% dos casos é o cônjuge, seguido do ex-cônjuge que compõe 16,6% dos casos.

Ameaça

Entre 2009 e 2017, as ameaças compuseram 13,5% dos casos de violência baseada em gênero na região considerada para a pesquisa, com maiores taxas nos mesmos estados citados acima (50,2% em SP e 28,7% em MG). Em relação ao perfil das vítimas, as porcentagens das faixas etárias foram semelhantes, sendo a faixa etária mais afetada mulheres de 20 a 29 anos (34,1%), seguida de mulheres de 30 a 29 anos (32,7%).

Assim como nos outros tipos de violência, a maior prevalência esteve entre a raça/cor branca e entre as mulheres com menor escolaridade (25,2%). Por fim, a grande parte dos agressores também foram os cônjuges (37,9%) e ex-cônjuges (19,8%).

Estupro

Durante os nove anos analisados, na região Sudeste, houve 16.800 casos de estupro registrados, também mais prevalentes nos estados de SP (44,7%) e MG (28,1%). Mais uma vez, 47,6% das ocorrências foram com mulheres com idade de 20 a 29 anos e a maior porcentagem das vítimas era autodeclarada branca (45,4%), parda (31,1%) e preta (12%).

Além disso, acerca da escolaridade, aquelas com os níveis mais baixos ainda representam 55,6% das vítimas, mas também há uma porcentagem importante entre mulheres com ensino superior completo ou incompleto (juntas, compõem 11,3% das vítimas). Observa-se também, que as múltiplas violências sexuais tiveram como principal agressor pessoas desconhecidas,

sendo que, dos casos de estupro registrados, aproximadamente 38,7% tiveram seus agressores como desconhecidos, seguido de amigos e conhecidos (19,5%) e, por último, namorado (1,7%) e ex-namorado (2,2%).

Assédio

O assédio representa 0,6% dos casos compilados nos anos de 2009 a 2017. O perfil da vítima se assemelha aos dos tópicos anteriores. Isto é, entre vítimas na faixa etária de 20 a 29 anos (42,9%), com prevalências mais altas na mesma raça/cor (43,9% brancas) e perfis de escolaridade mais baixa (23,5%). Contudo, aquelas que declararam possuir superior completo ou incompleto, juntas, formam 11,1%, que também é uma porcentagem significativa.

Violência sexual

Referente à violência sexual, foram registrados 20.889 casos durante os anos considerados para estudo. Dentre eles, 45,9% aconteceram com mulheres na faixa etária dos 20 aos 29 anos e 28,3% entre aquelas com idade de 30 a 39 anos. Ademais, 45,2% das ocorrências foram entre mulheres brancas, seguidas das pardas e pretas, com porcentagens respectivas de 31,0% e 12,0%. No mais, 55,4% das vítimas têm nível de escolaridade igual ou abaixo do ensino médio completo.

DISCUSSÃO

Os casos de violência relacionada ao gênero no Brasil, entre os anos de 2009 e 2017,

apresentam uma tendência crescente, semelhante à região Sudeste, que apresenta os maiores índices. Estudos recentes demonstram a associação dos valores culturais machistas e patriarcais estruturantes na sociedade à grave recorrência das violências cometidas contra as mulheres e às sérias desigualdades de poder e de direitos presentes na sociedade atual. Nessa dimensão, perpassa ainda um panorama de intensificação da violência, de um modo geral, em nossa realidade.¹²

O perfil mais vitimado, na região Sudeste, foi mulheres brancas entre 20 e 29 anos, fato que destoa das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, onde há o predomínio da violência contra mulheres pardas jovens entre 20 e 29 anos. Assim, observa-se que além da raça e cor, outros fatores parecem fragilizar as mulheres brasileiras, como a faixa etária.

Acerca do campo racial, soma-se as violências e as vulnerabilidades sofridas pelas mulheres negras ao invés de estudá-las de modo individual, a fim de retratar a realidade de modo mais fiel em níveis nacional e internacional.¹³ Assim, embora seja possível delinear as vítimas da região sudeste conforme sua raça/cor, são escassos os materiais científicos que permitem que as mulheres pretas sejam ouvidas, visto que é comum ignorarem a pluralidade étnica das amostras.¹⁴ Portanto, nota-se que, comumente, estudos que visam tratar da escala global ainda não possuem foco principal em diferenciar as vítimas pela raça/cor, de modo que populações, como as mulheres negras em questão, carreguem, além

do fardo da violência de gênero, o da marginalização racial.

Outro fator que ampliou consideravelmente as chances de violência contra a mulher nos casos analisados foi a baixa escolaridade. Essa relação pode ser explicada com base na menor qualificação profissional, o que aumenta suas chances de dependerem financeiramente do cônjuge, perpetuando relações conflituosas.¹⁵ Nesses casos, o cônjuge pode apresentar maior sensação de controle sobre a parceira e a dificuldade financeira pode catalisar os conflitos. Ademais, mulheres com maior escolaridade possuem maior esclarecimento sobre seus direitos, tornando-as menos tolerantes a situações violentas.¹⁵

Considerando a violência de gênero como fenômeno crônico, compreende-se que o aumento progressivo de suas ocorrências resulta de algo entrenchado na sociedade brasileira. Desse modo, é possível caracterizar seus dados como um reflexo das amostras populacionais do país e, conseqüentemente, de suas macrorregiões. Assim, justifica-se que as vítimas tenham, predominantemente, entre 20 e 29 anos devido ao fato de que essa é a faixa etária feminina mais numerosa na região sudeste em 2010, segundo o IBGE. Analogamente, o mesmo instituto aponta que a maioria das mulheres brasileiras se autodeclarou brancas, pardas e negras, seguidas das minorias amarela e indígena.

As ameaças são consonantes com essa lógica que relaciona os dados à configuração da

sociedade. Isso se confirma ao notar-se que foram mais numerosas as vítimas autodeclaradas brancas, seguidas das pardas e pretas, além de se caracterizarem como predominantes mulheres entre 20 e 29 anos e 30 e 39 anos, o que condiz com os dados do IBGE. Ademais, a própria vítima, ao sucumbir às ameaças devido ao medo gerado por tal violência, reforça, de forma indireta, a verticalidade na relação.¹⁶ Essa visão dialoga com os resultados, visto que os agressores são, majoritariamente, cônjuge ou ex-cônjuge. O cenário de desigualdade e submissão feminina é, portanto, propício ao fortalecimento do patriarcalismo e do machismo na sociedade.

Em relação ao total de casos analisados, o cônjuge foi o principal agressor, seguido pelo ex-cônjuge. Essa relação foi verificada na maioria dos tipos de violência, exceto no estupro, no assédio e na violência sexual (sendo os desconhecidos os agressores majoritários). A prevalência de agressões por cônjuges encontrada foi verificada em outros estudos.¹⁷⁻¹⁸ Tal configuração reforça o caráter doméstico da violência contra a mulher, sendo que 70% dos casos brasileiros ocorrem na própria residência da vítima.¹⁹

Dentro da violência relacionada ao gênero, destaca-se a violência física, que corresponde a mais da metade dos casos. A prevalência verificada converge com resultados de outros estudos da literatura.¹⁷⁻¹⁸⁻¹⁹⁻²⁰⁻²¹ A violência física consiste na ação de agredir provocando desde lesões leves até traumatismo grave, levando às vezes até a morte.²² Em relação ao desfecho dos casos analisados, a vítima recebeu alta

em 36,2% deles, sendo que em 3,8% deles isso foi ignorado e uma pequena parcela registrou fuga ou óbito, o que corrobora a possibilidade de morte. Ademais, as consequências dessas agressões podem ser variadas, envolvendo distúrbios gastrointestinais, fibromialgia e aborto espontâneo.

A violência psicológica é a segunda forma mais comum de manifestação da violência na Região Sudeste, embora uma das mais invisíveis. Comumente, restringe-se ao lar e a seus moradores, que muitas vezes banalizam o fenômeno, e em mais da metade dos casos os agressores são o marido ou o namorado da vítima. As consequências dessa agressão são ansiedade, distúrbio de alimentação e de sono, fobia, sentimento de vergonha e culpa, baixa autoestima, tabagismo, comportamento sexual inseguro e autoflagelação.²³

Identifica-se ainda a violência sexual, relacionada com o assédio e o estupro, que podem gerar consequências como gravidez, ISTs, estresse pós-traumático, entre outras e estudos brasileiros e internacionais destacam a prevalência de vítimas do sexo feminino e agressores do masculino.²⁴ Isto reforça as assimetrias e opressão nas relações entre homens e mulheres.

A violência financeira também foi verificada nos registros. Ela envolve roubo de bens e imóveis, privação dos próprios pertences e saques de dinheiro com cartão através do fornecimento de senha.²⁵ Nesse tipo, a faixa etária predominante difere das demais, sendo a mais afetada

tada entre 30 a 39 anos, com destaque às mulheres idosas. Os agressores principais também são cônjuges e ex-cônjuges, mas em alguns casos são desconhecidos.

Por fim, vale ressaltar que a violência contra a mulher ocorre sobretudo no âmbito privado por familiares e conhecidos, promovendo uma invisibilidade pela falta de procura por atendimento e, conseqüentemente, e subnotificação dos números captados pelos sistemas de informação.⁵ Outro empecilho à denúncia é a culpabilização da vítima, que pode ocorrer nas delegacias e nos hospitais. O silêncio, o medo e a vergonha reduzem consideravelmente a procura por ajuda e favorecem eventos cíclicos de violência.²⁶

CONCLUSÃO

No estudo, foram identificados que as principais vítimas da violência baseada em gênero na região Sudeste são mulheres autodeclaradas como brancas e com um nível de escolaridade baixo, demonstrando a forte influência dos fatores socioeconômicos nesse tipo de violência. Observa-se também, que as violências físicas e psicológicas possuem como principal agressor os parceiros íntimos, em oposição às violências sexuais que possuem os desconhecidos como principais agressores, evidenciando os efeitos do machismo na sociedade no que diz respeito ao corpo feminino.

Haja vista que a realidade atual da violência de gênero no Brasil decorre de um histórico sociocultural marcado pela submissão feminina,

e diante da subnotificação dos casos nos sistemas de vigilância, é imprescindível a contínua conscientização da população acerca dos direitos das mulheres como forma de garantia do apoio e da segurança durante todo o processo de denúncia. Adicionalmente, é fundamental a intensificação da vigilância e da notificação da violência baseada em gênero objetivando-se fornecer mais dados para ampliação das políticas de proteção à mulher.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram a inexistência de conflito de interesse.

Forma de citar este artigo: Rende VF, Teixeira ACG, Almeida DC, Costa LF, Falleiros BP, Oliveira SV. Análise epidemiológica da violência baseada em gênero no Sudeste do Brasil - Epidemiologia da violência baseada em gênero. Rev. Educ. Saúde. 2021; 9 (2): 49-62.

REFERÊNCIAS

1. Connell R. Gender: In World Perspective. John Wiley & Sons. 2020.
2. Lourenço LM, Costa DP. Violência entre Parceiros Íntimos e as Implicações para a Saúde da Mulher. Gerais (Univ Fed Juiz Fora). 2020; 13(1):1-18.
3. Zancan N, Wassermann V, Lima GQ. A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas. Pensando Fam [internet]. 2013; 17(1):63-76.
4. World Health Organization (Itália). Global and regional estimates of violence against women: prevalence

- and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence; 2013.
5. Garcia LP, Duarte EC, Freitas LRS, Silva GDM. Violência doméstica e familiar contra a mulher: Estudo de casos e controles com vítimas atendidas em serviços de urgência e emergência. *Cad Saude Publica*. 2016; 32(4):1–11.
 6. Cunha BM. Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. *Anais da XVI Jornada de Iniciação Científica de Direito da UFPR*; 2014; Curitiba, Brasil. p. 149–70.
 7. Simoes AV, Machado JC, Soares IGB, Rodrigues VP, Pires VMMM, Penna LHG. Identificação e conduta da violência doméstica contra a mulher sob a ótica dos estudantes universitários. *Enfermería Actual en Costa Rica*. 2019; (37): 95-109.
 8. Vieira PR, Garcia LP, Maciel ELN. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? *Rev Bras Epidemiol*. 2020; (23):1–5.
 9. Martins AG, Nascimento ARA. Violência doméstica, álcool e outros fatores associados: Uma análise bibliométrica. *Arq Bras Psicol*. 2017; 69(1):107–21.
 10. Rodrigues NCP, O’Dwyer G, Andrade MKN, Flynn MB, Monteiro DLM, Lino VTS. O aumento da violência doméstica no Brasil, 2009-2014. *Cienc e Saude Coletiva*. 2017; 22(9):2873–80.
 11. IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [Internet]. Cidades [citado em 2020 Jul 15]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>
 12. Guimarães MC, Pedroza RLS. Violência Contra a Mulher: Problematizando Definições Teóricas, Filosóficas e Jurídicas. *Psicol Soc*. 2015 Ago; 27(2):256–66.
 13. Carrijo C, Martins PA. A violência doméstica e racismo contra mulheres negras. *Rev Estud Fem*. 2020; 28(2):1–13.
 14. Kasturirangan A, Krishnan S, Riger S. The Impact of Culture and Minority Status on Women’s Experience of Domestic Violence. *Trauma, Violence, Abus*. 2004; 5(4):318–32.
 15. Acosta DF, Gomes VLO, Barlem ELD. Perfil das ocorrências policiais de violência contra a mulher. *Acta Paul Enferm*. 2013; 26(6):547–53.
 16. Broch D, Silva CD, Acosta DF, Mattos MB, Amarijo CL, Gomes VLO. Representações sociais da violência doméstica contra a mulher entre profissionais de saúde: um estudo comparativo. *Rev Enferm do Centro-Oeste Min*. 2017; 7:e1630.
 17. Labronici LM, Ferraz MIR, Trigueiro TH, Fegadoli D. Perfil da violência contra mulheres atendidas na Pousada de Maria. *Rev da Esc Enferm da USP*. 2010; 44(1):126–33.
 18. Teofilo MMA, Kale PL, Eppinghaus ALF, Azevedo OP, Farias RS, Neto JPM, et al. Violência contra mulheres em Niterói, Rio de Janeiro: informa-

- ções do Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (2010-2014). *Cad Saúde Coletiva*. 2019; 27(4):437-47.
19. Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos (Rio de Janeiro). Mapa da violência: Atualização de homicídios de mulheres no Brasil; 2012.
20. Bernardino IM, Barbosa KGN, Nóbrega LM da, Cavalcante GMS, Ferreira EF, d'Avila S. Violência contra mulheres em diferentes estágios do ciclo de vida no Brasil: um estudo exploratório. *Rev Bras Epidemiol*. 2016; 19(4):740-52.
21. Oliveira CAB, Alencar LN, Cardena RR, Moreira KFA, Pereira PPS, Fernandes DER. Perfil da vítima e características da violência contra a mulher no estado de Rondônia - Brasil. *Rev Cuid*. 2018; 10(1):1-12.
22. Day VP, Telles LEB, Zoratto PH, Azambuja MRF, Machado DA, Silveira MB, et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Rev Psiquiatr do Rio Gd do Sul*. 2003; 25(suppl 1):9-21.
23. Casique CL, Furegato ARF. Violence against women: theoretical reflections. *Rev Lat Am Enfermagem*. 2006; 14(6):950-6.
24. Nunes MCA, Lima RFF, Morais NA. Violência Sexual contra Mulheres: um Estudo Comparativo entre Vítimas Adolescentes e Adultas. *Psicol Ciência e Profissão*. 2017; 37(4):956-69.
25. Alarcon MFS, Paes VP, Damaceno DG, Sponchiado VBY, Marin MJS. Financial abuse: circumstances of occurrences against older adults. *Rev Bras Geriatr e Gerontol*. 2019; 22(6):e190182.
26. Acosta DF, Gomes VLO, Oliveira DC, Marques SC, Fonseca AD. Representações sociais de enfermeiras acerca da violência doméstica contra a mulher: estudo com abordagem estrutural. *Rev Gaúcha Enferm*. 2018; 39:e61308.